



# **A GREVE PODE E DEVE AVANÇAR!**

**O movimento ainda não esgotou as possibilidades de aumentar a pressão sobre a reitoria/governo!**

## **A REITORIA SÓ CONCEDEU UMA MIGALHA!**

**Em quase todas as suas propostas, só tem “compromete-se a avaliar”, tudo dentro dos “limites orçamentários”, que é ela própria quem estabelece! E NÃO HÁ CONTRATAÇÃO DE NENHUM FUNCIONÁRIO!**

**As direções do DCE e CAs atuam pelo fim da greve quando ela ainda não chegou a seu ponto mais alto!**

*Agora, existe a possibilidade de unidade grevista com a Unicamp, numa só luta contra o governo e seu privatismo! Somente com uma clara derrota política da reitoria/governo conquistaremos o conjunto de nossas reivindicações!*

A atuação da comissão de negociação e do comando de greve por cima das decisões das assembleias permite que a reitoria manobre para impor seu plano e seus interesses ao movimento grevista. Dos 1.027 professores que se comprometeu a contratar, 879 já constavam do Plano de Contratações que, com ou sem greve, seriam incorporados a conta gotas, até 2025. O que há de novo então? A migalha de 148 professores contratados (número muito aquém dos quase 1700 inicialmente reivindicados) em caráter emergencial e temporário para cobrir os buracos de alguns cursos, e a abertura dos bandejões aos fins de semana, para café e almoço. Do restante da pauta, nada há de concreto, apenas “compromissos de avaliar” cada um deles.

A reitoria se “compromete a avaliar” a possibilidade de aumentar as bolsas e seu valor. Se “compromete a avaliar” as bolsas PAPFE. E assim por diante. Ou seja, se “compromete a avaliar”, mas não oferece resolução prática sobre nada! A reitoria sequer se comprometeu a aplicar o

gatilho de contratação imediata de professores por demissões, exonerações, aposentadorias ou falecimentos dos últimos anos. Quanto às bolsas de estudo, apenas “prometeu avaliar” a possibilidade de “revisar” os processos de bolsas indeferidas, mas nada sobre se ampliará seu número, e qual o valor finalmente será concedido.

Há, porém, algo “concreto”: todas as pautas a ser avaliadas **DEPENDERÃO** para seu cumprimento da “previsão orçamentária”. Ou seja: se a reitoria apresentar nos próximos meses um orçamento que supostamente “lhe impeça” efetivar e manter os 148 novos professores, reincorporar os estudantes que viram suas bolsas indeferidas ou qualquer outras de suas “promessas”, dirá que não pode cumpri-las, porque o “teto de gastos” a impede. E após finalizada a greve, enfiará numa gaveta empoeirada grande parte do “acordo”.

Então, o que de fato as direções propõem que a assembleia aceite como supostas “conquistas”? 148 novos professores e café e almoço aos sábados, sustentado por trabalho terceirizado, e a implementação do “vestibular indígena” sem, contudo, garantia das condições de permanência dos novos ingressantes na universidade. Quanto às bolsas, “pauta prioritária” nas negociações como foi votado na assembleia do dia 02/10, o Comando de greve burocratizado já decidiu rebaixar a proposta para, pelo menos, 70% originalmente reivindicado, passando por cima da decisão soberana da assembleia. E quanto ao gatilho, como a reitoria disse que isso seria condicionado à previsão orçamentária, a negociação dessa reivindicação será condicionada ao teto de gastos imposto pelo governo Tarcísio. As direções rasgaram o decidido pela assembleia e fez uma “nova proposta” de negociação rebaixada, de forma que a reitoria possa aceitar, e não a partir da real necessidade dos estudantes.

Para acobertar essa capitulação, as direções do DCE e de todos os CAs querem que os estudantes acreditem que a saída da greve de alguns cursos, e o “cansaço” dos grevistas, obrigam a aceitar essas migalhas da reitoria. Na verdade, a direção estudantil age para encerrar a greve quando o movimento ainda está forte e pode radicalizar seus métodos, estando em melhores condições de arrancar da reitoria o necessário para garantir o ensino público a todos!

A maioria das unidades da USP continua em greve por tempo indeterminado. A realização de plebiscito on line para votar o fim de greve, como ocorreu na Poli, rompe com a democracia direta, porque se apoia em instrumento da democracia representativa, burguesa. Na democracia direta, quem discute e vota as resoluções são os mesmos que as colocam em prática. Na democracia burguesa, o voto delega a outros o cumprimento das decisões, porque não se baseia em movimento de massa. Não tem cabimento utilizar plebiscito para votar greve.

Os estudantes da Unicamp aprovaram a greve por tempo indeterminado. Crescem as manifestações grevistas dos trabalhadores. É contrário a todas essas tendências de luta, afirmar que não há nada mais a se fazer, quando trabalhadores e estudantes demonstram vontade de se mobilizar e se criam condições para o avanço em direção à unificação de todos os que combatem o governo Tarcísio e seus planos privatistas. Não devemos aceitar a tendência de capitulação presente nas direções dos movimentos, quando queremos lutar e podemos vencer!

Está absolutamente claro que a greve ainda não alcançou tudo o que pode avançar, nem aplicou ainda todos os métodos de luta que poderiam fortalecer-la. A assembleia deve conter as manobras das direções vacilantes, que burocratizam o comando de greve, ao fazê-lo decidir redução de pautas, por cima da assembleia. É preciso aprovar todos os métodos da ação direta que sejam necessários para obrigar a reitoria a negociar e aceitar nossas reivindicações. Devemos avançar para a imediata unificação com os setores que entram em luta, defendendo um plano unitário de reivindicações. Somente assim é que conseguiremos impor à reitoria/governo nossas reivindicações, se a derrotarmos politicamente quanto às nossas principais necessidades: contratações de professores e funcionários **NECESSÁRIOS** e bolsas.